

Marcílio não crê em hiperinflação

■ Ministro diz que políticas monetária e fiscal impedem uma explosão de preços

O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, descartou o risco de explosão inflacionária no país, em entrevista à Rádio Jornal do Brasil. "As hiperinflações são causadas pelo afrouxamento das políticas monetária e fiscal em níveis extremos ou pelas saídas caóticas de congelamentos de preços: nenhum dos dois casos se aplica ao Brasil", declarou. O ministro se declarou satisfeito, ainda, com a normalidade demonstrada pelos mercados financeiros e cambiais e os negócios em bolsa.

Marcílio confirmou uma vez mais o limite do pacto pela governabilidade, firmado pelos ministros do governo Collor: a votação da admissibilidade do *impeachment*, prevista para o final de setembro pelo rito determinado pelo presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro, mas alvo de manobras protelatórias pelos líderes governistas e os advogados do presidente. O prazo de permanência dos ministros é a data da votação, qualquer que seja o resultado.

A explicação de Marcílio para a reafirmação do limite comporta os dois cenários possíveis: "Caso houvesse o *impeachment*, o novo presidente, por algum tempo ao menos, teria que ter total liberdade para nomear um ministério completamente novo. E portanto nossa missão estaria completamente esgotada", explica, para a hipótese de Itamar Franco assumir. "No caso desse processo não ter acolhida na Câmara, o presidente Collor, por imposição não nossa mas da lógica, deveria evidentemente recompor as suas bases parlamentares, e isto passa por uma reforma total do ministério."

O ministro negou indiretamente o sucesso das pressões pela abertura dos cofres, lideradas pelo colega Ricardo Fiúza, da Ação Social, ao festejar "os superávits mensais do Tesouro".



Ministro Marcílio festejou "os superávits mensais do Tesouro"

IPC cai para 23,1%

SÃO PAULO — Os gastos dos paulistanos com rendimentos entre dois e seis salários mínimos atingiram 23,02% de 17 de agosto a 16 de setembro (primeira quadrissemana de setembro). Em agosto, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe foi de 23,16%, o que significa um recuo na taxa de inflação de 0,14 ponto percentual. Os técnicos lembram que, desde a segunda quadrissemana de agosto, a

taxa de variação da inflação está estabilizada em torno de 23%.

Após seis semanas de resultados com tendência de alta, as despesas com alimentos se estabilizaram em 26,36%. As maiores altas na alimentação foram: arroz empacotado (32,32%), frango (39,85%), coxão mole (34,23%), café (26,82%), feijão a granel (46,06%), leite tipo B (22,60%) e óleo de soja (22,77%). O maior fator de pressão sobre o índice foi o vestuário.

Arquivo

Sebrae crê em venda maior

SÃO PAULO — A consolidação de várias pesquisas realizadas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) nos últimos dois meses indicam que os donos dos pequenos empreendimentos no país, responsáveis por 3,5 milhões de estabelecimentos comerciais e industriais, acreditam que inflação e vendas devem crescer nos próximos meses e que o impacto do valor do novo mínimo sobre seus custos levará a um maior desemprego.

De acordo com o Sebrae, 42% dos 1.168 pequenos empreendedores entrevistados entre 27 de agosto e 1º de setembro em 25 estados acreditam que até o final do ano suas vendas serão um pouco maiores; 37% acham que estarão estáveis e apenas 21% prevêem queda. O consenso é maior quanto à expectativa de aumento de inflação: 73% acham que a alta dos preços será maior até dezembro; 25% crêem em estabilização e apenas 2% acreditam em queda.

Segundo Gláucia Vasconcellos Vale, coordenadora de pesquisas do Sebrae nacional, os pequenos empresários estão convencidos de que a recessão deve se agravar. Em parte, esta hipótese se comprova: 40% dos entrevistados que ainda têm alguma sobra de caixa estarem investindo na formação de estoques dos produtos que vendem. "De um lado, querem se precaver de um possível aumento sazonal de vendas no final do ano; por outro, reforçam o abastecimento para se precaver contra possíveis choques econômicos e da instabilidade econômica gerada pela crise política." Para metade desses empresários, o novo mínimo está trazendo impactos sérios na planilha de custos.